

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA

20 e 22 de Janeiro de 2025

ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER / 1970

um filme de WILLIAM KLEIN

Realização, Fotografia (35 mm), *Montagem*: William Klein em colaboração com: Eldridge Cleaver, Robert Scheer *Som*: Antoine Bonfanti *Música*: Elaine Brown *Responsável pela montagem*: Jacaqueline Meppiel *Documentos*: Actualidades – “People’s park”, “May Day”; Filmes documentais – Huey PAlGC: Nossa Terra, Grinberg Library Visnews, Black Panther Newspaper *Animação*: Seria *Com*: Eldridge Cleaver, Kathleen Cleaver.

Produção: O.N.C.I.C. – Office National pour le Commerce et l’Industrie Cinématographiques (Argélia, França, 1970) *Cópia*: ficheiro digital, preto-e-branco e cor, legendada em francês nos diálogos em inglês electronicamente em português, 70 minutos *Estreia*: 24 de Agosto de 1970, em Nova Iorque *Apresentado no Forum Berlinale de 1971 Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca*: 26 de Agosto de 2020 (“A Cinemateca com o Indielisboa | 50 anos de Berlinale”).

Nota: A cópia que vamos apresentar, proveniente da ARTE França, tem menos cinco minutos do que a cópia 35 mm que apresentámos em 2020, por ocasião da primeira passagem do filme na Cinemateca.

Em 1970, aos 42 anos, William Klein dera já largas ao muito talento de fotógrafo e realizador, embora os seus filmes tenham permanecido mais discretos que as fotografias. A sua formação pictórica parisiense no estúdio de Fernand Léger no pós-II Guerra, em que cumpriu serviço pelo exército americano na Alemanha e França, levou-o a iniciar-se na pintura e na fotografia captando imagens de murais de formas geométricas antes de se celebrar como fotógrafo de moda na *Vogue* e de publicar um primeiro livro de fotografia em 1956, *Life Is Good & Good for You in New York* (numa colecção francesa das ed. du Seuil dirigida por Chris Marker), alinhado com o distinto trabalho como “fotógrafo de rua”, sensível ao espírito da *pop art* americana e da *Nouvelle Vague* francesa em emergência. Ao extraordinário primeiro “álbum” nova-iorquino, seguiram-se os também icónicos *Rome* (1958-59), *Moscou, Tokyo* (1964). No cinema, estreara-se num pequeno grande filme de 1958, *BROADWAY BY LIGHT*, um estudo da luz electrizado pelos néon nocturnos de Manhattan – “Os americanos inventaram o jazz para se consolarem da morte. E para se consolarem da noite inventaram a Broadway”, dita o texto de Chris Marker. Pouco depois, no espírito do cinema directo e realizado para a emissão televisiva francesa “5 Colonnes à la une”, *LE BUSINESS ET LA MODE* (1962, primeiro de vários motivos de reportagem no quadro desse histórico magazine de informação) propunha uma incursão nos bastidores da moda e no fascínio exercido nos americanos pela alta-costura francesa.

Ensaísticos, documentais, ficcionais, os seus cerca de vinte filmes de curta, média e longa-metragem foram reflectindo o tempo, os seus interesses e preocupações e um espírito crítico agudo. Na ficção, *QUI-ÊTES VOUS, POLLY MAGGOO?* (1966) e *MR. FREEDOM* (1968), como depois *THE MODEL COUPLE* (1977), satirizaram impiedosamente o mundo da moda, em que Klein circulava, e da mesma penada a sociedade capitalista e a política americanas de que se distanciara quando se instalou em França. *LOIN DU VIETNAM* (1967, o colectivo co-assinado com Joris Ivens, Claude Lelouch, Agnès Varda, Jean-Luc Godard, Chris Marker e Alain Resnais) reagira aguerridamente contra a Guerra do Vietname; *MUHAMMAD ALI, THE GREATEST* (1969, o seu mais conhecido filme documental) retratara o icónico pugilista Cassius Clay, regressando à curta-metragem *CASSIUS LE GRAND* (1964); *FESTIVAL PANAFRICAN D’ALGER* (1969) registara a edição desse ano do festival cultural, abordando a exploração colonial e as

lutas dos movimentos revolucionários pela independência em África. ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER foi o filme seguinte, novamente um retrato, agora de um activista militante dos Black Panthers, exilado em Argel onde então procurou refúgio da justiça americana. A capital argelina era na época um reduto para revolucionários e membros dos movimentos de libertação africana, e um território aberto a cineastas como Klein ou Sarah Maldoror (que chegaram a colaborar em FESTIVAL PANAFRICAN D'ALGER), na esteira de LA BATTAGLIA DI ARGELI de Gillo Pontecorvo (1966).

Em 1970, o movimento radical dos Black Panthers fazia correr tinta: fundado em 1966, na Califórnia, como um Black Panther Party for Self-Defense manter-se-ia activo até ao início dos anos 80, congregando a atenção internacional. Eldridge Cleaver, que era escritor (*Soul on Ice* foi publicado em 1968) e um membro destacado do movimento, e estava em apuros, andava a trocar as voltas ao FBI. Klein, que filmara o Festival Pan-africano a convite do governo da Argélia, aí o conhecera em 1969, sensível às lutas neo-colonialistas e à realidade convulsa do dito terceiro mundo assombrado pelo neo-colonialismo. Num texto publicado em 1988 em *William Klein Films*, e editado em português pela Porto 2001, “William Klein ou a Organização do Caos” (*Odisseia nas Imagens*), Claire Clouzot cita-o para contextualizar o despertar do trabalho de consciência política apartidária: “A política apareceu tarde na minha vida. Sobretudo com a intervenção americana no Vietname. Depois de 40 anos, o demónio do sul político atingiu-me. Afastei-me do cinema clássico para pôr a minha câmara ao serviço daqueles que não tinham palavra. Mais tarde, os filmes publicitários ajudaram-me a financiar os meus filmes militantes.”

No seu retrato de Cleaver, Klein escuta-lhe o activismo revolucionário no exílio (uma das primeiras palavras que se ouvem no filme é *exílio*), filma-lhe a aura romântica que ia a par do discurso, da condição de exilado, da figura atraente e expressiva. ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER concentra-se quase exclusivamente em Eldridge na primeira pessoa, abrindo a excepção de Kathleen Cleaver, sua mulher, que aparece com o filho bebé num segmento em que dá o seu próprio testemunho sublinhando como, na prisão, o esperaria a morte. Raras vezes se ouvem as perguntas do entrevistador a que Cleaver vai replicando, mas as suficientes para captar modulações do discurso assente na defesa da causa da população negra contra os crimes do imperialismo americano. Como conciliar marxismo e terrorismo? pergunta-se. Eldridge responde vagamente ao lado. As contradições ou hesitações discursivas incluem o retrato, de uma poderosa honestidade discursiva. A dos planos finais partilhados por Eldridge e o entrevistador, por exemplo, que afirmam a convicção da morte provável do primeiro caso ali se mantenha, e a admissão suicidária da causa, “pela liberdade”. “You’re either part of the problema or part of the solution.”

Nem Eldridge nem Klein poriam a hipótese de que, anos volvidos e uma vez regressado aos Estados Unidos, Eldridge Cleaver alinharia com o Partido Republicano. Também lhes seria difícil prever que o Ronald Reagan candidato a governador que, como Nixon e outros, é aqui convocado em belas imagens de campanha e enxotado a gritos por palavras de ordem, “Fuck Ronald Reagan!”, havia de ser presidente dos EUA na década seguinte. Organizado por “capítulos” temáticos que passam em revista os tópicos em discussão, explicitando-os ou não em legendas gráficas, ELDRIDGE CLEAVER, BLACK PANTHER “agarra” o retratado, e se bem que o capte quase sempre em interiores e numa escala de planos que favorece a ampliação do rosto, começa por segui-lo nas ruas estreitas da cidade em que se move como um homem esguio e elegante. São planos que causam a sua impressão, como o da montra da loja em que Eldridge entra para comprar uma navalha de ponta-e-mola. É um belo filme.

Maria João Madeira